Alimento e ancestralidade na “cesta dos saberes agroecológicos”

Food and ancestry in the "basket of agroecological knowledge”

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes[1]; RODRIGUES, Jéssica Pereira[2]; GONZAGA, Elisabeth Tavares de[3]; CAMPOS, Sara Almeida[4]; FABBRIS, Samanta Nascimento[5]; GONÇALVES, Laura Lyrio[6]

[1]Universidade de Brasília (UnB) - rcoelly@unb.br; [2]Universidade de Brasília (UnB) - rodriguesjessicapereira@hotmail.com; [3]Universidade de Brasília (UnB) - betinha.gonzaga@gmail.com; [4]Universidade de Brasília (UnB) - saraalmeidacampos@gmail.com; [5]Universidade de Brasília (UnB) - samantafabbris@gmail.com ; [6]Universidade de Brasília (UnB) - lauralyriolaura@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do conhecimento agroecológico

Resumo: Este relato de experiência sistematiza “encontros de pesquisa” entre uma orientadora e cinco orientandas cujas pesquisas dialogam com a construção do saber agroecológico, alimento e ancestralidade, sob uma perspectiva contra-hegemônica e decolonial. As pesquisas estão sendo desenvolvidas com camponesas que vivem em territórios do Distrito Federal (DF) e no Piauí (PI) e com movimentos sociais que têm se mobilizado para a garantia do alimento agroecológico e por soberania alimentar. As metodologias das pesquisas privilegiam encontros de mulheres com mulheres em rodas de conversas, oficinas e entrevistas dialogadas para conhecer e sistematizar experiências, memórias, escrevivências com alimentos, ancestralidades e agroecologia. Na “cesta agroecológica”, do saber e do alimentar-se, os resultados das pesquisas trazem os alimentos ancestrais em diálogos com produtos da sociobiodiversidade, plantas comestíveis não convencionais, alimentos saudáveis e agrobiodiversos, como resultado do trabalho e da luta de camponesas pela terra, identidades territoriais e a boa alimentação como ato político.

Palavras-chave: pesquisa; alimentos; ancestralidade; saberes; agroecologia.

Contexto

Este relato registra a experiência acadêmica de formação em pesquisa entre uma orientadora e cinco orientandas (todas da Universidade de Brasília, Brasília-DF) em pesquisas que dialogam com a construção de saberes agroecológicos, alimentos e ancestralidades. Este pretende contribuir com o eixo temático Construção do conhecimento agroecológico sob dois aspectos: o primeiro, a partir do olhar sobre a pesquisa como ato político em que a pesquisadora se posiciona e não trata a produção do conhecimento com neutralidade (DEMO, 1985); o segundo, para pensar a agroecologia como um campo de saber contra-hegemônico e decolonial (RIBEIRO, FERREIRA, NORONHA, 2007).

Partindo da experiência da Universidade, busca-se dialogar com pesquisas em diferentes espaços formativos (formais ou informais) sobre como a experiência da pesquisa (de mulheres com outras mulheres) tem contribuído para pensar o alimento, a ancestralidade e a construção do saber agroecológico. A “cesta dos

saberes agroecológicos" é trazida aqui como uma metáfora sobre o conhecimento que temos discutido e acumulado e também pode ser lida como uma cesta de alimentos saudáveis que desejamos que seja formada.

Este relato de experiência *com* e *sobre* pesquisadoras está dividido em duas partes: 1) Descrição da Experiência: registramos breves aspectos sobre os "encontros de pesquisa" (momentos entre orientadora e orientandas), as pesquisas e as metodologias adotadas; 2) Resultados: apresentamos parte das nossas descobertas; possibilidades e reflexões em "encontros de pesquisa" que têm dialogado com a construção do conhecimento agroecológico.
As pesquisas das cinco orientandas estão em andamento, portanto, os resultados ainda são provisórios. Entendemos que nossas reflexões podem contribuir para encher a "cesta dos saberes agroecológicos". Somos seis mulheres pesquisadoras, que juntas com outras mulheres de diferentes territórios e lugares, estamos pensando possibilidades para a construção desse saber.

Descrição da Experiência

Os "encontros de pesquisa" têm sido experiências muito prazerosas. Uma orientadora (Regina Coelly, historiadora) e cinco orientadas: Jéssica Rodrigues, agroecóloga; Elizabeth Gonzaga, pedagoga e educadora; Sara Campos, comunicadora; Samanta Fabbris, nutricionista; e Laura Lyrio, graduada em Relações Internacionais e integrante do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC). Todas pesquisam, direta ou indiretamente, mulheres e alimentação; o alimento bom, saudável, ecologicamente sustentável e soberano. Alguns estudos situam-se em territórios cujas práticas agroecológicas estão em andamento; outros estão em construção em territórios rurais e outros tratam das lutas dos movimentos sociais pela soberania alimentar e pela agroecologia.

As pesquisas estão sendo desenvolvidas com camponesas que vivem em territórios do DF e no Piauí. No DF, muitas dessas mulheres atuam em movimentos sociais que têm se mobilizado para a garantia do alimento na mesa e por soberania alimentar. Nossos diálogos, permeados por interfaces de formação e olhares entre orientadora e cada orientanda, ressaltam saberes agroecológicos em encontro com memórias, conhecimentos e produção do alimento sob uma perspectiva contra-hegemônica e decolonial, que questionam o modelo dominante de produção liberal-capitalista (RIBEIRO, FERREIRA, NORONHA, 2007).

O trabalho *Memórias e manutenção da agrobiodiversidade: trajetórias e desafios das mulheres negras do assentamento Pequeno William – Planaltina - DF,* está sendo desenvolvido por Jéssica Rodrigues[1], mulher negra, em escrita *com* e *sobre* camponesas negras. Na manutenção da agrobiodiversidade no Pequeno William, as mulheres cuidam de viveiros, cultivo de plantas ornamentais e medicinais, manejo

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural – PPG-Mader, Faculdade UnB Planaltina – Universidade de Brasília.

da produção de hortaliças e frutas e promovem a valorização sociobiodiversidade do Cerrado[2]. A interseccionalidade entre classe, raça e gênero é o eixo teórico da pesquisa.[3] Entrevistas e oficinas de turbantes fizeram parte dos registros de memórias, escrevivências[4] e experiências sobre alimentos agrobiodiversos mantidos por aquelas camponesas negras: ramas de mandioca, arroz, feijão de corda, manga, limão, laranja, entre pequis, jatobás, cagaitas, barbatimão e araticum, num solo agroecologicamente cultivado por aquelas mulheres assentadas.

Elizabeth Gonzaga[5] está pesquisando as mulheres camponesas da Ponte Alta do Gama, no DF. Seu estudo tem como título *Entrelaçando Histórias: Um estudo sociocultural sobre a terra e mulheres camponesas da Ponte Alta do Gama, DF*. O objetivo do trabalho é analisar impactos nas trajetórias de vidas de mulheres camponesas desse local. O território rural da Ponte Alta foi intensamente pressionado pelas mudanças nos modos de trabalho e cultivo da terra; famílias vivem em situação de desemprego e insegurança alimentar, resultantes da pandemia da Covid-19. Por meio de rodas de conversa e oficinas de crochê, a pesquisadora pretende (re)ver trajetórias de vida, registrar memórias e desenvolver um espaço de produção artesanal *com* e *para* as mulheres (para geração de renda), como contribuição para a (re)construção do território, o cultivo da terra e a superação da fome. A discussão de gênero e territorialidades rurais fazem parte das referências teóricas deste estudo.

A pesquisa de Sara Campos[6] é *"Que que há?" Pioneirismo feminino na produção de cajuína artesanal em Valença, Piauí*. O estudo investiga a participação de mulheres de diferentes grupos sociais na produção da cajuína em Valença, território afetivo da pesquisadora. A cajuína é um alimento ancestral do Piauí e as mulheres têm destacado papel desde a extração do fruto até a comercialização. A cajuína ganhou a condição de produto da sociobiodiversidade e o reconhecimento como parte do patrimônio cultural alimentar brasileiro (IPHAN, 2009). A ancestralidade da produção da cajuína remonta à prática indígena, cujos aspectos remanescentes dessa produção artesanal pretende-se investigar na pesquisa. Rodas de conversas e entrevistas dialogadas estão sendo desenvolvidas pela pesquisadora para fazer os registros de memórias ancestrais da cajuína.

---

[2] Sobre sociobiodiversidade ver SARAIVA, Regina Coelly Fernandes; LARANJEIRA, Nina Paula; CRUZ, Tânia Cristina da Silva; FRAGA, Leonardo Pereira (org.). Sociobiodiversidade e sustentabilidade no Cerrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2021.

[3] Sobre interseccionalidade ver AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

[4] Sobre escrevivências ver OLIVEIRA, Marcelo de Jesus. Considerações teórico-conceituais inerentes à escrevivência Evaristiana em Becos da Memória. Dissertação de Mestrado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Tocantins, UFT, 2021.

[5] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural – PPG-Mader, Faculdade UnB Planaltina – Universidade de Brasília.

[6] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural – PPG-Mader, Faculdade UnB Planaltina – Universidade de Brasília.

A atuação de movimentos sociais na luta pela presença do alimento nas mesas, garantindo segurança e soberania alimentar estão presentes nas pesquisas de Samanta Fabbris[7] e Laura Lyrio[8].

As cozinhas solidárias organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) no DF, diante da fome e miséria pós-pandemia, são parte das intenções de pesquisa de Samanta Fabbris. Como garantir o direito à alimentação? Quais alimentos devem fazer parte das cozinhas solidárias para suprir a fome de quem tem fome? São parte dos seus questionamentos de pesquisa.

Laura Lyrio investiga a atuação do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e como as vozes desse movimento social de mulheres camponesas foram capazes de ressoar nas políticas sociais para a garantia da soberania alimentar. Feminismo popular camponês[9] como parte do pensamento crítico latino-americano e entrevistas dialogadas fazem parte do referencial teórico-metodológico da pesquisa. O estudo propõe uma visão comparativa com movimentos sociais na Argentina que têm a pauta da soberania alimentar.

Resultados

Nossas descobertas sobre saberes agroecológicos, alimentos e ancestralidades têm sido momentos de muitos aprendizados e reflexões. A pesquisa tem sido vista por todas (orientadora e orientandas) com um olhar afetuoso, trazendo possibilidades nas quais o diálogo com a teoria não seja abstrações de intelectuais distanciados e somente lidos em textos e livros.

Muitas sensibilidades ressaltam das pesquisas com a possibilidade de trabalhos *com* e *para* mulheres na busca por ancestralidades e memórias. Jéssica Rodrigues explorou esses aspectos por meio das oficinas de turbantes e na escrevivência com as camponesas negras. No Pequeno William, o registro de memórias acessou alimentos ancestrais de lugares recônditos (como a caramoela) e identificou esse alimento entre os cultivos agrobiodiversos das mulheres negras do assentamento.

A partir dessas mulheres, descobrimos que para acessar o conhecimento agroecológico, era primeiro preciso acessar a ancestralidade e a identidade negra invisibilizadas; além de valorizar modos, saberes e fazeres de antepassados ainda presentes nas memórias. A desvalorização, preconceito e racismo estão muito

[7] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural – PPG-Mader, Faculdade UnB Planaltina – Universidade de Brasília.
[8] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Estudos Comparados sobre as Américas (PPG-ECsA), Departamento de Estudos Latino-Americanos do Instituto de Ciências Sociais da UnB.
[9] Sobre feminismo camponês popular ver MEZADRI, Adriana Mara; CIMA, Inês Justina; TABORDA, Noeli Welter. GASPARETTO, Sirlei Antoninha K., COLLET, Zenaide. Feminismo camponês popular: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas. São Paulo: Outras Expressões, 2020.

permeados nas histórias de vida das mulheres negras assentadas e a agroecologia é um importante caminho de valorização de seus saberes e práticas.

Na construção dialógica, as escrevivências por meio das oficinas (de turbante ou do crochê) oferecem o toque, a beleza e o fazer como maneira de acessar o alimento ancestral, seja por meio do cultivo de roças agroecológicas (do Pequeno William) ou para a construção do saber agroecológico em territórios que precisam ser resgatados, como o da Ponte Alta do Gama. A territorialidade como parte da identidade *com* e *no* território[10] é condição fundamental para o saber agroecológico na produção do alimento e como caminho para suprir a fome.

Nesse sentido, a produção agroecológica torna possível o resgate da terra junto com a (re)construção da identidade camponesa de mulheres e de suas famílias. (Re)construir o território em bases agroecológicas é o caminho para a sustentação da terra com vida. Nessas possibilidades de (re)construções territoriais e ancestrais, plantas comestíveis não convencionais, as PANCs, como *ora-pro-nobis* e tantas outras, podem recuperar seu lugar como alimento ancestral; o valor nutricional dessas plantas podem ocupar importante lugar nas cozinhas solidárias para “matar a fome de quem tem fome”. Descobrimos que para combater a fome não basta qualquer alimento. O alimento que deve fazer parte da cesta agroecológica é o alimento de verdade.

O alimento saudável, produzido agroecologicamente, se manifesta como ato político entre as mulheres feministas do MMC. Comer bem é um ato político e os movimentos sociais trazem uma contribuição fundamental para o saber agroecológico, alimento e ancestralidade. A mesa farta e biodiversa é uma pauta política e não se pode abrir mão da variedade de alimentos.

Na “cesta da agroecologia” do saber e do alimentar-se, as pesquisas têm contribuído para reflexões teóricas sobre alimentos e ancestralidades. O estudo dos alimentos ancestrais (cajuína, caramoela, ora-pro-nóbis, entre outras plantas, frutos e espécies) remotam práticas ancestrais afroindígenas que formam nossa identidade sociocultural. A luta camponesa pela agroecologia, pelos alimentos saudáveis e agrobiodiversos revela-se como parte da luta pela terra, identidades territoriais e a alimentação como ato político.

Por meio das discussões sobre as pesquisas, a produção do conhecimento vai deixando de ser o lugar do peso e da formação distanciada e hierarquizada, para se tornar um campo fértil de reflexões e olhares *entre* e *com* mulheres. Aprendemos que pesquisas em diálogo são formadoras de trocas e inclusões epistêmicas. Aprendemos que para pensar o alimento ancestral e a agroecologia temos que acionar aspectos socioculturais, políticos, econômicos, ecológicos, raciais e de

[10] SARAIVA, Regina C. Fernandes. História, memória e identidade. In: OLIVEIRA FILHO, João Batista; OLIVEIRA, Rejane Araújo de.; SARAIVA, Regina C. Fernandes; GOMES, Leônio Matos; OLIVEIRA, Luiza P. Araújo de. Memórias de Gerações. Brasília: Fundo Nacional de Cultura/MinC, 2013.

gênero. Isso porque os esquecimentos de formas de cultivos, usos e atos de alimentar-se foram sendo sistemática e politicamente construídos pelo conhecimento dominante do capitalismo, que produz a homogeneização de saberes.

O acesso à terra com condições para produção e o resgate de práticas e cultivos tradicionais são condições para o alimento ancestral e biodiverso estar presente em nossas mesas. Essa presença, revela que a agroecologia está ocupando cada vez mais um espaço político.

As pesquisas demonstram que a presença das mulheres e o feminismo popular camponês é fundamental para garantir a *"cesta dos saberes agroecológicos"*. Já acumulamos o aprendizado de que sem feminismo não tem agroecologia. A partir das nossas pesquisas acrescentamos a presença do feminismo negro por meio da interseccionalidade raça, gênero e classe, para pensar amplamente a agroecologia das mulheres negras camponesas.
Por fim, destacamos que o aprendizado em pesquisa ganha muito quando é coletivo e interdisciplinar (PHILIPPE JR *et al*, 2000). Seis pesquisadoras, juntas com outras tantas mulheres, mostram que os saberes agroecológicos são construções de sensibilidades; acessar memórias, falas e práticas são fundamentais para pensarmos agroecologia, alimentos e ancestralidades.

Agradecimentos

Às mulheres camponesas e comunidades envolvidas nas pesquisas de Jéssica Rodrigues, Elizabeth Gonzaga, Sara Campos, Samanta Fabris e Laura Lyrio.

Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. **Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade**. Brasília: MDA, MMA, MDS, 2009. Disponível em: https://catalogo.ipea.gov.br/uploads/503_1.pdf. Acesso em: 8 fev. 2023.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência.** São Paulo: Atlas, 1985.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Produção artesanal e práticas socioculturais associadas à cajuína no Piauí**. Brasília: IPHAN, 2009. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_cajuina_piaui.pdf. Acesso em: 3 jun. 2023.

OLIVEIRA, Marcelo de Jesus. Considerações teórico-conceituais inerentes à escrevivência Evaristiana em Becos da Memória. Dissertação de Mestrado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Tocatins,

UFT, 2021.

MEZADRI, Adriana Mara; CIMA, Inês Justina; TABORDA, Noeli Welter. GASPARETTO, Sirlei Antoninha K., COLLET, Zenaide. Feminismo camponês popular: reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas. São Paulo: Outras Expressões, 2020.

PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo et al. **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. . São Paulo: Signus, 2000. Disponível em: http://www.ambiente.gov.ar/infotecaea/descargas/philippi01.pdf. Acesso em: 16 jul. 2023.

RIBEIRO, Simone; FERREIRA, Ana Paula; NORONHA, Suely. Educação do Campo e Agroecologia. In: **Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia.** Construção do conhecimento agroecológico. Novos papéis, novas identidades. Articulação Nacional de Agroecologia, Junho 2007. p. 257-267.

SARAIVA, Regina C. Fernandes. História, memória e identidade. In: OLIVEIRA FILHO, João Batista; OLIVEIRA, Rejane Araújo de.; SARAIVA, Regina C. Fernandes; GOMES, Leônio Matos; OLIVEIRA, Luiza P. Araújo de. **Memórias de Gerações**. Brasília: Fundo Nacional de Cultura/MinC, 2013.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes; LARANJEIRA, Nina Paula; CRUZ, Tânia Cristina da Silva; FRAGA, Leonardo Pereira (org.). **Sociobiodiversidade e sustentabilidade no cerrado**. Brasília: Universidade de Brasília, 2021.